

A SUBJETIVIDADE PRODUZIDA POR IMPERATIVOS SOCIAIS E SEUS REFLEXOS SOBRE O CORPO SEXUALIZADO

SUBJECTIVITY PRODUCED BY SOCIAL IMPERATIVES AND THEIR REFLECTIONS ON THE SEXUALIZED BODY

*Klayton Santana Porto*¹

Recebido em: 11/2019

Aprovado em: 03/2020

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar de que forma o poder disciplinar atinge diretamente o corpo sexualizado do indivíduo e quais são as implicações desta realidade no mundo contemporâneo. Para isso, será utilizado como fundamentação teórica Erich Fromm, com o objetivo de analisar as implicações emocionais relacionadas ao desenvolvimento da sociedade capitalista e principalmente, os livros de Foucault: *Vigiar e Punir* (1999) e *História da sexualidade: a vontade de saber*, (1977). Por meio deste estudo, pôde-se perceber que a demasiada preocupação com o corpo presente na sociedade contemporânea denota o imperativo do corpo sexualizado, resultado do exercício no domínio e controle efetuados pela sociedade sobre o indivíduo. Isso não ocorre em consequência de um poder centralizado, mas sim por um controle exercido de forma periférica, no qual a própria sociedade estrutura padrões de condutas assumidas pelos sujeitos que lhe constituem.

Palavras-Chave: Subjetividade. Corpo Sexualizado. Poder.

Abstract: This article aims to analyze how disciplinary power directly affects the sexualized body of the individual and what are the implications of this reality in the contemporary world. For this, Erich Fromm will be used as theoretical foundation, with the objective of analyzing the emotional implications related to the development of capitalist society and especially, the books of Foucault: *Watch and Punish* (1999) and *History of sexuality: the will to know*, (1977). Through this study, it was possible to realize that too much concern with the body present in contemporary society denotes the imperative of the sexualized body, the result of the exercise in the domain and control performed by society over the individual. This is not the result of centralized power, but rather of peripheral control, in which society itself structures patterns of conduct assumed by its constituent subjects.

Keywords: Subjectivity. Sexualized body. Power.

Introdução

¹ Doutor e mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências –UFBA Universidade Federal do Recôncavo da Bahia –UFRB Email: klaytonuesb@hotmail.com/klayton@ufrb.edu.br

As formas de controle social durante os séculos XVII e XVIII passaram a atingir especialmente o corpo do indivíduo, pois é o corpo que pode ser manipulado, modelado, treinado e obedecido. O controle do corpo sexualizado acompanha as técnicas disciplinares existentes no modo de produção capitalista. Neste período, houve a incitação dos discursos acerca do sexo.

As ciências humanas, biológicas e naturais convergiam em um único objetivo: estabelecer o controle e o domínio da sexualidade. O discurso do saber científico também foi incorporado por todos os membros que compõem o corpo social, sendo convertidos em múltiplas indústrias do sexo, o que torna cada vez mais válida a sentença de Foucault (1977) nunca se falou tanto de sexo como atualmente.

Assim, este trabalho pretende analisar como o controle social existente nas técnicas disciplinares atingiu o corpo sexualizado do indivíduo, de forma a delinear como a *Scientia sexualis* e a estrutura capitalista interferem neste processo. O estudo da temática deve-se ao fato do sexo exercer fundamental importância na constituição subjetiva, bem como na construção do saber relativo à psicologia. Além disso, o estudo aqui encetado, a propósito da sociedade capitalista, permite compreender de que forma os membros do corpo social contribuem para a elaboração de técnicas disciplinares que exercem o controle contínuo da sexualidade.

Para o estudo do tema, será utilizada como fundamentação a teoria de Erich Fromm, tendo como objetivo analisar a estrutura capitalista e a forma como ela se relaciona na construção da subjetividade, associando os seus resultados com a teoria foucaultiana, principalmente as suas elaborações conceituais efetivadas em *A história da sexualidade: A vontade de saber e Vigiar e Punir*.

O estudo da temática deve-se ao fato de Erich Fromm ter sido um dos pesquisadores que participaram da Teoria Crítica, abordagem elaborada por diferentes teóricos que integraram a Escola de Frankfurt e que contribuíram para a consolidação de um novo paradigma científico, no qual pesquisadores de diferentes campos de conhecimento tinham como objetivo formular uma análise multidisciplinar acerca de aspectos relativos ao contexto histórico vivenciado no pós-guerra, tais como a economia de mercado, a organização da classe trabalhadora, a luta de classes e a própria organização sexual.

A concepção de poder segundo Foucault

A concepção de poder para Foucault (1977) está fundamentada no entrelaçamento de múltiplas forças que atuam no corpo social e nos membros que lhe constituem. O poder ocorre de forma capilar e periférica, por isso está presente em diferentes grupos, tais como nas famílias, nas relações de trabalho, nas instituições. Ele não é hierárquico, isto é, estabelecido por meio de uma relação binária entre dominador e dominado. Em vez disso, é mutável e varia de acordo com fatores históricos, políticos, sociais e econômicos, bem como rizomático, isto é, articula-se num movimento de horizontalidade.

A partir desta perspectiva, as relações de poder deixam de ser compreendidas como parte de um aparelho estatal ou monárquico situados num aparato externo à sociedade, no qual as estruturas do poder central são analisadas por um prolongamento descendente, e passam a ser compreendidas por meio de uma rede circular, na qual os indivíduos exercem poder ao mesmo tempo em que são submetidos à sua ação.

O poder, portanto, deve ser estudado primeiramente como formas de micro poder, a partir de técnicas que atuam nos níveis mais elementares da sociedade, para depois ser compreendido em níveis globais. Segundo Foucault:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação. Nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1999, p. 183).

De acordo com esta concepção foucaultiana, é possível perceber uma das características mais significativas do poder: a onipresença. O poder provém de todos os lugares e está em toda parte, os indivíduos reproduzem-no em suas relações sociais, ao passo que sofrem repetidamente os seus efeitos. Esta característica faz com que todos se sintam continuamente vigiados e, como consequência, controlados por uma rede social.

A sensação de constante patrulhamento presente na sociedade contemporânea deve-se à intensificação dos dispositivos de poder disciplinar a partir dos séculos XVII e XVIII. Neste período o controle passou a ser desempenhado diretamente sobre o corpo do sujeito, pois é o corpo que pode ser manipulado, modelado, treinado e submetido à obediência.

O conjunto de estratégias utilizadas para exercer domínio sobre o corpo do indivíduo é

denominado de disciplinas. Elas têm o objetivo de controlar o sujeito a fim de torná-lo mais produtivo. As estratégias disciplinares são consideradas por Foucault (2004, p. 118) como *“métodos que permitem o controle minucioso do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade e utilidade”*

O poder disciplinar tem como principal objetivo exercer o controle do corpo do indivíduo para mantê-lo dócil e produtivo. As formas de domínio que atingem essa estrutura física são exercidas em diversos níveis e por grupos diferenciados. Entre as estratégias utilizadas podem ser citadas: a determinação de um espaço para cada indivíduo, o desenvolvimento de atividades sequenciais e a arte de dispor em filas. Técnicas responsáveis pelos mecanismos de coerção social que segregam o sujeito entre o múltiplo e o individual, pois ao mesmo tempo em que o inserem em o grupo, particularizam as suas atividades. Como consequência, o indivíduo se sente em um pan-óptico, em que os seus gestos, o seu comportamento e as suas tarefas são meticulosamente controlados, tem-se, portanto, sensação de estar situado em um amplo observatório.

As formas de controle supracitadas se intensificaram a partir dos séculos XVII e XVIII, isto é, com o surgimento de uma sociedade capitalista. É por isso que o poder disciplinar não pode ser distanciado deste contexto econômico, dado que sua emergência ocorre graças às demandas dessa sociedade, marcada eminentemente pelo elemento econômico. Ele é proveniente da Revolução Industrial juntamente com a sociedade burguesa, tendo como principal objetivo produzir corpos produtivos que sirvam à sociedade. Foucault afirma:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida, adestrar para retirar e de apropriar ainda mais e melhor (...). A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que os toma ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos do seu exercício (FOUCAULT, 1997, p. 143).

As relações do poder disciplinar foram estendidas para diversos âmbitos sociais uma vez que os seus principais objetivos estavam vinculados ao contexto capitalista, que era manter o corpo dócil, a fim de aumentar o lucro e a produção. Muitas foram às instituições que utilizaram o corpo como uma forma de obter controle, tais como os exércitos, as instituições asilares, os quartéis e os presídios.

O dispositivo de controle também foi sendo utilizado como um meio de exercer o

domínio sobre o corpo sexualizado, sendo que a *scientia sexualis* contribuiu demasiadamente para este processo. Os distúrbios sexuais eram meticulosamente descritos pelos manuais de psiquiatria como comportamentos incompatíveis à organização social. A histeria era geralmente representada por uma mulher, que em decorrência de um recalque obliterou a sua sexualidade; uma outra classificação foi feita para o obsessivo e para o fóbico. Todas estas práticas de organização disciplinar eram produto de uma sociedade que pervertia o sexo, a fim de torná-lo mais produtivo.

A subjetividade produzida por imperativos sociais

É possível destacar a importância do estudo da Teoria Crítica para a compreensão dos aspectos relacionados ao controle do indivíduo. Erich Fromm apresenta como referencial teórico para suas pesquisas a psicanálise e o marxismo histórico dialético. A sua utilização não seria contraditória com o conceito de poder elaborado por Foucault?

Fromm é visivelmente marxista. Foucault, por sua vez, analisa a subjetividade a partir de uma concepção genealógica. De acordo com Fromm (1964, p. 15) “*a sociedade não tem função meramente repressora – conquanto também a tenha, mas igualmente uma função criadora*”. Isso não se assemelharia à noção estabelecida por Foucault, de acordo com o qual o poder assume um caráter positivo? No mesmo livro Fromm afirma: “*o poder está dentro de nós, e de nossas instituições*” (FROMM, 1964, p. 15). Esta concepção, de certa forma, não possui uma relação com a problemática evidenciada por Foucault, segundo a qual as relações de poder são estabelecidas a partir das relações sociais?

Não sejamos precipitados. As abordagens são distintas, mesmo porque Fromm acredita na relação existente entre dominadores e dominados, no poder centralizado e descreve o operário como o sujeito oprimido pela sociedade; isto é, aspectos completamente contrários à perspectiva foucaultiana. Entretanto, críticos de Foucault tais como Mchou e Wendy Grace (1995) indicam que a abordagem foucaultiana não enfatiza os fatores macroestruturais, que também estão presentes e que não devem ser isolados. Erich Fromm será utilizado como baliza teórica para o entendimento do funcionamento da sociedade capitalista e para perceber de que forma esta sociedade efetiva a construção da subjetividade.

Fromm (1955) afirma que a configuração da subjetividade humana ocorre a partir das relações sociais que o indivíduo estabelece com o mundo material, sendo o capital um dos elementos mais importantes para a sua constituição. A partir desta perspectiva, a identidade é

definida como sendo um processo contínuo, no qual ocorre uma interação dialética entre o indivíduo e o processo produtivo, de forma que fatores individuais, políticos, econômicos e climáticos modelam a energia dos membros que constituem a sociedade.

Na sociedade capitalista, o processo de alienação perpassa todas as relações sociais. Por isso é o elemento principal da constituição da subjetividade humana. Este processo é definido por Erich Fromm como: “*um modo de experiência em que a pessoa se sente como um estranho*” (FROMM, 1955, p. 115), isto é, o sujeito não reconhece os seus atos e nem tampouco as suas atitudes.

O processo de alheamento da realidade favorece a manutenção de comportamentos repetitivos que não estão exclusivamente atrelados a um trabalho mecanizado, mas se estendem para aspectos essenciais à condição humana. Os indivíduos, inconscientes da realidade social em que estão inseridos, assumem comportamentos neuróticos, caracterizados pela compulsão à repetição, que podem ser percebidas em diferentes âmbitos sociais e, principalmente, nas relações de produção.

Os indivíduos são constantemente regidos pela necessidade de obtenção do lucro, que não deve ser gasto, mas sim investido para gerir a indústria e gerar mais lucros, afinal a concorrência é alta e a estagnação teria como consequência a escassez da produtividade. Por outro lado, os membros do corpo social estabelecem constantemente uma relação compulsória que incita o ciclo econômico existente entre o consumo e a produção.

Em geral, a sociedade atribui valores simbólicos às mercadorias, de forma que estas acabam por representar a extensão da própria capacidade humana. A compra de um determinado objeto significa a incorporação das suas qualidades à personalidade do indivíduo. Neste sentido, é possível notar o entrelaçamento entre a identidade do indivíduo e a qualidade da matéria consumida, o que estabelece uma relação equivalente à seguinte fórmula: “*eu sou = eu tenho*” (FROMM, 1987, 45), a partir da qual as pessoas consomem demasiadamente na tentativa de satisfazer uma necessidade de se auto afirmarem e de demonstrar status por meio dos bens de produção. Fromm afirma:

Consumir é uma forma de ter, e talvez a mais importante da atual sociedade abastada industrial. Consumir apresenta qualidades ambíguas: alivia a ansiedade, porque o que se tem não pode ser tirado; mas exige-se que se consuma cada vez mais porque o consumo anterior logo perde a sua característica de satisfazer (FROMM, 1987, p. 45).

As mercadorias consumidas muitas vezes são investidas no próprio corpo sexualizado

do indivíduo. Os sites pornô são os mais visitados e o corpo “histórico” é demonstrado nos diferentes comerciais. Nas propagandas são emitidas imagens de modelos que atraem o consumidor não por meio da funcionalidade dos produtos a serem vendidos, mas sim pela beleza da atriz, o que indicaria uma associação entre estética, saúde, felicidade e o produto a ser consumido.

As propagandas exercem o controle social de forma bastante sutil, pois reproduzem, por meio de imagens, os valores sociais existentes em uma sociedade, e a invasão domiciliar tem como uma das suas implicações a incorporação diária dos padrões comportamentais, que devem ser mantidos em uma sociedade capitalista.

A internalização dos valores estéticos permite o exercício do controle periférico, isto é, cada membro é capaz de regular ao mesmo tempo em que é regulado pelas convenções sociais. Como consequência, há a constante sensação de vigília e patrulhamento que se apresenta principalmente a partir do século XVIII, com a sociedade capitalista e com o surgimento da “*scientia sexualis*”.

Não eram necessários altos paredões que dividissem o mundo da liberdade e do confinamento para que os indivíduos possuíssem a constante sensação psicológica de que estavam sendo permanentemente vigiados. Pelo contrário, o modelo do pan-óptico, descrito por Bentham, se estendia para toda a sociedade, que acreditava que os olhares convergiam a um único foco, que delimitava o espaço, as atitudes e os comportamentos de cada membro do corpo social.

A forma como a sociedade é organizada permite que todos sejam controlados ao tempo em que também exercem controle. O poder torna-se democrático e periférico, pois é exercido individualmente em diferentes âmbitos sociais; cada gesto é rigorosamente medido, as roupas devem seguir um determinado padrão social, e mesmo o corpo sexualizado responde a uma tirania genética, que define o grau de virilidade do homem, as formas estruturais femininas e até mesmo a orientação sexual do indivíduo.

O estado de constante vigília não é meramente ilusório e o sexo torna-se uma preocupação eminente. O corpo sexualizado sofre constantes exames clínicos, que não mais são exercidos por médicos ou psicólogos, mas por toda uma sociedade que, ao seccionar o sujeito, insere-o em um grupo social, ao passo que persegue os seus sonhos, rastreando qualquer expressão libidinosa.

Os murmúrios passam a ser escutados pela sociedade que segregava os indivíduos a partir da utilização de estratégias de linguagem derivadas das *scientia sexualis*, estruturada a

partir de regimes binários que distinguiram o lícito do ilícito, o normal do patológico, o proibido do permitido, a fim de demarcar os comportamentos desviantes.

Os discursos científicos passaram a operacionalizar sobre o sexo uma racionalidade. Os manuais de psiquiatria demonstravam as patologias decorrentes de problemas sexuais, com destaque para as mulheres, que eram descritas como saturadas de desejos libidinosos.

O caráter repressivo acerca do sexo, desde a época clássica, constitui-se como mais uma forma de vincular o poder, o saber e a sexualidade. Segundo Foucault (1977), os procedimentos de interdição se intensificaram a partir dos séculos XVII e XVIII, e se outrora o sexo estava presente nos diversos âmbitos sociais foi sendo constantemente isolado nos asilos, nos manuais psiquiátricos e nos consultórios psicanalíticos.

Havia uma necessidade de que o sexo assumisse uma característica de inexistência, mutismo e interdição, porque ideais relacionados com o desejo e o prazer não eram compatíveis com o lucro e o trabalho. Perspectiva essa desconstruída por Foucault, quando, ao contrário, afirma que nunca houve repressão e que o controle minucioso das regras de decência apenas existia como reflexo de um sistema econômico, no qual era necessário estabelecer o controle populacional. Segundo Foucault,

[...] se o sexo é reprimido com tanto rigor, é por ser incompatível com uma colocação no trabalho, geral e intensa; na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se? (FOUCAULT, 1977, p. 11).

As tecnologias de restrição ao sexo inicialmente atingiram a burguesia e apenas durante a primeira metade do século XIX o controle passou a ser exercido também sobre o corpo sexualizado do operário. Nesse período, a sexualidade começou a se constituir como uma ameaça à organização social em decorrência do alto índice de desemprego, bem como do aumento das mazelas sociais.

A partir desta perspectiva, é possível compreender que os sintomas patológicos, vinculados à sexualidade, em verdade, constituem expressões relacionadas a um contexto social. Os histéricos, os perversos, os obsessivos e outros indivíduos que obtivessem comportamentos disfuncionais, eram prontamente identificados pela organização social, de forma que o discurso repressor era apenas uma justificativa científica que segregava a sexualidade, ao passo que incitava toda uma política extremamente lucrativa de produção do sexo.

A indústria do sexo começava a ser explorada. Não é à toa que, de acordo com Foucault (1977), os consultórios psicanalíticos são caracterizados pela presença de incessantes murmúrios lucrativos. O terapeuta indaga o paciente e cria nele uma necessidade contínua de falar sobre o assunto falsamente considerado como tabu. No ambiente clínico, são mantidos o silêncio e o sigilo, a fim de que as regras de decência e o controle do corpo sexualizado sejam estabelecidos de forma contínua.

A repressão seria o diagnóstico? Os psicólogos de formação marxista assim o sustentaria. Mas, para Foucault, nunca se falou tanto de sexo como na sociedade burguesa. A *hipótese repressiva* formulada por diferentes teóricos incita, produz discursos e saberes que se estendem aos diversos âmbitos sociais, pois são veementemente incorporados pela sociedade vitoriana, que transforma as concepções científicas em produtos a serem comercializados.

Múltiplos são os discursos que se beneficiam com o sexo. E se inicialmente favoreciam à indústria farmacológica, aos asilos, posteriormente atingiu a toda uma sociedade, de forma que atualmente o sexo é um dos produtos mais comercializados.

A indústria do sexo é criada com o objetivo de obter o lucro e assegurar a produção, exercendo um controle contínuo no corpo sexualizado do indivíduo. Esse domínio não é exercido de forma hierárquica. Pelo contrário, os produtos são comprados e consumidos por toda uma sociedade que estabelece o controle contínuo por meio da vigília. Como consequência, os indivíduos tornam-se demasiadamente preocupados com o corpo, e isso não ocorre em consequência de um poder centralizado, nem por uma indústria midiática; está muito mais presente no controle exercido de forma periférica, isto é, regido pelo desejo escopofílico existente em uma sociedade capitalista, que cria a necessidade contínua e estrutural de vigilância.

A atmosfera individualista presente na sociedade capitalista favorece o aperfeiçoamento das técnicas do exame disciplinar, uma vez que as relações sociais muitas vezes se estabelecem a partir de sentimentos de competição, caracterizados pela constante comparação entre o indivíduo e o seu meio social.

As disputas são estabelecidas tendo como parâmetro as produções materiais. Isso ocorre porque tal prática permite que os fenômenos subjetivos sejam mensurados, sendo assim, por meio do processo de sublimação, os indivíduos correlacionam aspectos relativos à subjetividade com as mercadorias consumidas, uma vez que elas incorporam valores simbólicos, os quais adquirem como significado das potencialidades humanas (FROMM, 1976).

Aspectos relacionados com a compra de mercadorias estão associados com a individualidade, ou até mesmo a identidade das pessoas que compõem o corpo social. A consideração mencionada incita à seguinte pergunta: como falar deste processo de entrelaçamento entre o ter e o ser, uma vez que os produtos consumidos são diretamente investidos no próprio corpo do sujeito?

O corpo do indivíduo reflete características relacionadas com as representações culturais, os fenômenos sociais e o conjunto de significantes e significados presentes na cultura e, por conseguinte, fatores também relacionados com a individualidade humana.

De acordo com Foucault (1999), é a partir do corpo que a alma é aprisionada. Isto é, o corpo permite exercer o controle físico da subjetividade humana, uma vez que possibilita a sujeição do indivíduo às condutas de controle comportamentais a partir de técnicas disciplinares que, entre os múltiplos recursos de domínio, normatizam, estabelecem os padrões sociais que devem ser meticulosamente seguidos.

No corpo sexualizado, esta estratégia disciplinar pôde ser traduzida por meio do discurso que regulamenta as características relacionadas aos padrões estéticos, que se estabelecem através das relações construídas entre a saúde e a estética. Os indivíduos saudáveis e, portanto, belos, são caracterizados pelos músculos torneados. Os gordinhos, por sua vez, são imediatamente estigmatizados, a eles são atribuídas características psicológicas como a preguiça, a comodidade e até mesmo a patologia.

A apropriação do discurso científico na formulação de padrões estéticos indicaria a fragilidade da *hipótese repressiva*, uma vez que o sexo nunca foi tão comercializado. Se no ano de 1955 as pernas de Marilyn Monroe eram sutilmente exibidas pelo filme “*O pecado mora ao lado*”, atualmente os sites pornográficos, os chats e as diferentes propagandas incitam, continuamente, à sexualização do corpo do indivíduo.

A incitação do sexo tem como consequência a transformação da sociedade em um pan-óptico, em que há a constante sensação de vigília pelos membros que compõem o corpo social. Obedecendo aos ditames de uma coação, ao que adere necessariamente, o sujeito passa a adequar sua performance comportamental a partir dos referentes estabelecidos pela sociedade, a exemplo dos ambientes das academias, em que o indivíduo é submetido a procedimentos mecânicos similares aos de uma indústria, definindo a malhação por meio de dois significados: “*a ação de dar pancadas com o malho ou martelo, e o ato de zombar ou fazer escárnio; a ambos o ser humano se subjuga, malha para não ser malhado*” (PELEGRINI, 2005, p. 5).

As atividades são divididas em uma forma sequencial. Cada atividade é executada em um espaço específico. Os movimentos são coordenados por meio de séries que devem ser exercidas em um tempo específico. A maioria das pessoas inseridas nestes espaços possui um corpo bem definido, rege a ideologia segundo a qual estes ideais de beleza estão associados a um comportamento saudável. Assim, o discurso estético é atrelado à racionalidade cartesiana, tornando-se, portanto, inquestionável.

As estratégias disciplinares, presentes na sociedade capitalista, assumem a funcionalidade de escoamento para a produção de bens de consumo. O número de academias de ginástica, de profissionais dieteticistas, a elaboração de cosméticos específicos para cada um dos consumidores e o aumento contínuo de indivíduos que realizam cirurgias plásticas, ilustram o exercício do poder disciplinar na sociedade contemporânea e a relação que este estabelece com a *Scientia Sexualis* (LACERDA; QUEIROZ, 2004).

A *Scientia Sexualis* favoreceu, a partir de um discurso repressor, que a sexualidade se tornasse um dos produtos mais consumidos, principalmente no *setting terapêutico*, em que os psicólogos e psicanalistas, fomentando um discurso falacioso, assumiam-se como libertadores do sexo. Neste sentido, a *hipótese repressiva* adotada por muitos teóricos, tais como Reich e Freud, apresenta-se no mínimo contraditória, uma vez que a interdição tem como principal consequência a proliferação dos discursos “ilícitos-legitimados”. Exatamente por isso Foucault (1977, p. 11) afirma que “o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contrafeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente”.

Considerações finais

A reprodução dos discursos vinculados ao sexo atingiu diferentes âmbitos sociais, e atualmente este é um dos principais produtos consumidos, seja nos salões de beleza, nas academias de ginástica e até mesmo nas macas cirúrgicas, elementos expressivos do conjunto de estratégias disciplinares criadas pelos membros que compõem o corpo social, tendo como principal objetivo a obtenção do lucro através da remissão ao sexo.

Os mecanismos de docilização do corpo sexualizado dependem da cultura na qual o indivíduo se encontra, de forma que, na medida em que há a intensificação do culto ao corpo, como ocorre com as modelos, ou do controle da sexualidade, como ocorre nos sanatórios psiquiátricos há a intensificação das técnicas e normas que devem reforçar os padrões

disciplinares afirmadores dos interesses sociais aos quais aderem os sujeitos.

A demasiada preocupação com o corpo presente na sociedade contemporânea denota o imperativo do corpo sexualizado, resultado do exercício no domínio e controle efetuados pela sociedade sobre o indivíduo. Isso não ocorre em consequência de um poder centralizado, mas sim por um controle exercido de forma periférica, no qual a própria sociedade estrutura padrões de condutas assumidas pelos sujeitos que lhe constituem.

Referências

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: A vontade de saber**. 2. ed.vol.I. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. **Microfísica do poder**. 20. ed.Rio de Janeiro: Graal, 1979

_____. M. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 117-187;

FROMM, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. São Paulo: Círculo do Livro, 1955.

_____. **Ter ou Ser?** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1976.

_____. **Meu encontro com Marx e Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

_____. **O Medo à Liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

_____. **A Arte de Amar**. Ed. Italiana Limitada. Belo Horizonte 1995.

GARCIA, A. Da estética privada, para uma estética pública: implicações na educação física do fetiche. **Revista Digital**. Buenos Aires – Ano10 n°86 – Julho de 2005. Disponível em website <http://www.efdesportes.com/efd86/feitiche.htm>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

LACERDA, P. R.; QUEIROZ, T. Q. **Desporto, corpo e estética**. Anais do VIII congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. A questão social no novo milênio. Coimbra 16,17,18 de Setembro de 2004. Disponível em website: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/TeresaLacerda.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

MCHOUL, A; GRACE, W. **A Foucault primer: Discourse, Power and the subject**. Editora Routledge (UK), 1995, p.57-89.

WILDER, B. **O pecado mora ao lado**. Polo industrial de Manaus. 1995, v. 2, n° 55.

PELEGRINI, T. Imagens do corpo reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. **Revista Uruguaia, Revista acadêmica multidisciplinar**, n°8. Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março; Maringá-PR. Disponível em website http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.pdf. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S.; NOVAES, J: A Violência da Imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 5, n.1, p.109-144, Mar, 2005. Disponível em website: <http://www.unifor.br/notitia/file/797.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.